



BAUMAN, Zygmunt. *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/Zygmunt Bauman*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013. 131 p.

Liliana de Salvo Souza

Mestranda em Ciências Sociais (Universidade de Brasília)

Brasília, Distrito Federal, Brasil

lilasalvo@gmail.com

“Do Hudson ao Vístula, passando pela Cidade do México, as visões e os sons são semelhantes; o mesmo ruído ensurdecido de portas fechadas e trancadas, o mesmo quadro desconcertante com pilhas crescentes de esperanças frustradas. Em nossas sociedades com economias supostamente qualificadas pelo conhecimento e orientadas pela informação, com o sucesso econômico orientado pela educação, o conhecimento parece ter deixado de garantir o sucesso, e a educação já não provê esse conhecimento. Está começando a evaporar a visão da mobilidade social ascendente orientada pela educação”. (Bauman, 2013, p. 67)

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês radicado na Inglaterra, ao longo de sua extensa produção literária – aos 88 anos escreveu quase seis dezenas de livros – refere-se ao mundo atual como um mundo de valores líquidos, habitado por seres humanos instáveis, com laços afetivos frágeis; uma modernidade que é líquida, desregulamentada, individualizada e hiperconsumista.

O livro *Sobre educação e juventude* é composto por 20 pequenos diálogos travados entre Riccardo Mazzeo, intelectual italiano e editor do Centro Studi Erickson e Zygmunt Bauman. No livro, os amigos conversam em clima fraternal. Mazzeo propõe os temas que lhe interessam e Bauman discorre sua sabedoria acumulada ao longo dos anos, nem sempre fielmente orientada às indagações de Mazzeo. É um diálogo rico em conteúdos, cujo tema central, juventude e educação, é abordado de modo amplo e permeado por outros incontáveis assuntos e inspirações. Esta resenha faz um apanhado das ideias centrais do livro.

Sobre migração e direitos

O contexto multicultural do mundo, em que as fronteiras parecem ter sido definitivamente expandidas aparece no diálogo “Entre mixofilia e mixofobia”. O autor questiona-se sobre qual educação a Europa precisa para aprender a conviver com o outro, reconhecer e aceitar a sua diferença. Bauman reflete sobre a necessidade de um contrato social que seja respeitado por ambos os lados – alóctones e autóctones –, nos quais os direitos sociais, políticos e econômicos dos “novos europeus” sejam realmente respeitados. O debate, no fundo, é sobre o futuro do continente e o lugar do “outro”, não europeu. Bauman pergunta se a velha Europa vai entender o papel de salva-vidas desempenhado pelos imigrantes numa sociedade em processo de envelhecimento e de natalidade em queda, ou se o xenofobismo, cada dia mais fortalecido,

vai ganhar a guerra. Sem resposta pronta, diz que a indagação será respondida pelas escolhas de quem está vivo, no presente.

Sobre educação, aprendizagem e informação

O diálogo “A depravação é a estratégia mais inteligente para a privação” tem como tema a sociedade da informação e seu paradoxo, na qual a quantidade de informação é tão excessiva que não há como processá-la nem como criar narrativas consistentes: tudo é fragmentado. Torna-se difícil selecionar a informação e proteger-se da que não interessa. A aprendizagem torna-se rasa, superficial. O que isso significa para alunos e professores? Bauman reconhece que nesta sociedade do descarte e da reposição sem fim, o conhecimento é desvalorizado, e a promessa de alcançar uma vida feliz por meio da educação está cada dia mais distante. As celebridades são criadas instantaneamente, e a educação não é mais critério de ascensão social.

Em “Minutos para destruir, anos para construir”, é abordado o tema do futuro da educação e dos educandos na Europa atual. Por um lado, diplomas universitários não garantem mais empregabilidade e, pela primeira vez, a expectativa é de mobilidade social descendente por causa da falta de oportunidades de bons empregos para os jovens recém-formados. Por outro lado, a educação a cada dia elitiza-se mais. A falta de investimentos públicos, a privatização da educação e o alto custo das mensalidades é visto como um retrocesso social e, na visão de Bauman, as consequências futuras dessas tendências são nefastas. E em “Os desempregados sempre podem jogar na loteria, não podem?”, o autor afirma que alguns observadores franceses estão anunciando a chegada da geração “Ni-Ni” – nem emprego, nem educação –, vista como a primeira geração realmente global, já que a problemática se estende por todo o sistema-mundo-moderno.

Mercadoria e consumo

No diálogo “O jovem como lata de lixo da indústria do consumo”, Bauman acusa o Estado de abrir mão da juventude como um projeto de futuro para a nação, ao deixar de investir na educação de qualidade. Percebe que o interesse do Estado pela juventude está relacionado com sua capacidade real ou potencial de consumo. O jovem transformou-se

em uma fatia do mercado e, graças ao *Facebook*, uma fatia mais acessível, pois suas preferências e desejos de consumo são revelados.

Em “A *petite madeleine* de Proust e o consumismo”, Bauman esclarece o mecanismo poderoso da lógica do consumo. Considera que a promessa consumista torna as pessoas servos voluntários – por escolha e ação positiva –, e o consumo é vivenciado como expressão de autonomia, autenticidade e autoafirmação. Reconhece que é difícil escapar das promessas de prazer, conforto e satisfação instantânea, mas afirma que as escolhas continuam sendo nossas.

Movimentos sociais, ação coletiva e insatisfação

“A indignação e os grupamentos políticos ao estilo enxame” trata da brecha aberta entre governantes e governados. Os governos não respondem mais aos interesses dos cidadãos, atuando como reféns do poder econômico dos bancos e das empresas transnacionais. Assim, os movimentos sociais emergem e tomam as ruas, demonstrando que as pessoas perderam a esperança de os governos resolverem seus problemas. Elas propõem uma política horizontal e lateral, em vez de vertical e hierárquica. Como enxames, juntam-se e desfazem-se com facilidade, sem institucionalizar-se. Mas o autor suspeita que essas explosões populares mediadas pela internet não se sustentarão, não conseguirão obrigar os governos a mudar seus rumos; serão uma ilusão.

“Consumidores excluídos e intermináveis campos minados” tem como tema a desigualdade social: os que têm e os que não têm poder de consumo. Quando construímos uma sociedade em que a lógica da felicidade e o valor da dignidade humana estão expressos na capacidade de adquirir bens de consumo, o não-poder-comprar significa não-ser. “A plenitude do prazer de consumir significa a plenitude da vida. Compro, logo existo. Comprar ou não comprar, eis a questão” (p. 83). Bauman argumenta que a raiva da juventude manifesta-se nas ruas, mas que os jovens não propõem uma mudança na ordem do desenvolvimento. Eles têm inveja: querem ter acesso ao mundo de consumo dos ricos. Os ideais de um outro estilo de vida, com maior contenção, temperança e moderação não chegou às ruas. Bauman cita o livro *Redefining Prosperity* do professor Tim Jackson, da Universidade de Surrey, quando aponta que o atual modelo de crescimento traz danos irreversíveis e que a solução para alterar a atual lógica social seria tornar cidadãos, empresários e governos mais conscientes das limitações deste modelo e da necessidade de incorporar

benefícios sociais e ambientais às metas empresariais e outros valores não materiais à vida em sociedade. Mas como reinventar o humano, se as condições que estimularam às pessoas a buscar consolo no mercado continuam as mesmas? Os remédios e as soluções (vãs) para as nossas frustrações estão nas prateleiras, e a cobiça continua como o motor da sociedade de consumo.

Em “Sobre combustíveis, faíscas e fogueiras”, Bauman fala sobre o fenômeno das praças públicas e das ruas das cidades ocupadas pelas manifestações, pelas pessoas reivindicando, protestando, gritando, saqueando, exercendo sua indignação. As “tendas cheias de som e fúria em busca de um significado” (p. 121), onde cada pessoa tem um propósito e vivencia a “experiência inebriante da intimidade, talvez, quem sabe, da solidariedade” (p. 119). Ali, as esperanças têm abrigo (temporário). “Sobre a maturidade da globalização” é o último diálogo do livro. O assunto é a inseparabilidade do local e do global; a geração da internet; o poder da comunicação *online*. Forças que se retroalimentam, para o bem e para o mal.

O livro *Sobre educação e juventude* reflete acerca da problemática da educação e da juventude no mundo atual. A mensagem é múltipla e essencialmente preocupante. Instigado por Mazzeo, Bauman discute as ideias de José Saramago, Gregory Bateson, Žižek, Morin entre outros teóricos que nos ajudam a entender algo mais sobre os tempos atuais. O grande tema é o futuro da juventude neste mundo desigual, dividido por classes de consumidores (ou classe de humanidades), com uma conjuntura econômica-social-política-ambiental catastrófica. Um mundo no qual a antiga certeza da educação como um passaporte para um futuro de sucesso se desfez, com consequências agudas para o processo educacional. Zygmunt Bauman chama a atenção para a responsabilidade com a juventude de hoje (e de amanhã) em uma sociedade tão comprometida com a lógica do consumo. É mesmo esse mundo sem esperança que vamos deixar como herança aos jovens? Que caminho será possível a juventude tomar para garantir um futuro “acessível”?

Data de recebimento da resenha: 9/12/2013

Data de aprovação da resenha: 6/8/2014